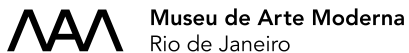


## **O negócio do filme**



### Correalização



### Patrocínio Cinemateca do MAM



### Patrocínio



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro  
e Secretaria Municipal de Cultura apresentam  
Veredas do Patrimônio Audiovisual

# **O negócio do filme**

*a distribuição cinematográfica no Brasil, 1907-1915*

Rafael de Luna Freire

# Sumário

**Prefácio** por Rielle Navitski 15

**Prólogo** 19

## CAPÍTULO I

### **A formação do mercado: 1907–1908**

A representação da Pathé Frères no Brasil por Marc Ferrez 27

A febre do cinema no Rio de Janeiro e o diferencial do cinematógrafo Pathé 34

A distribuidora de filmes Marc Ferrez & Filhos 45

As razões para o aumento da produção cinematográfica local 56

A construção de um novo modelo de negócios 70

## CAPÍTULO II

### **O acirramento da concorrência: 1909–1911**

A concorrência de outras marcas e o trunfo da MF&F com o *film d'art* 79

O caráter de variedade dos programas dos cinemas 89

A consolidação de práticas e do ofício da distribuição de filmes 102

Os filmes cantantes como modo de apresentação 112

O auge dos cantantes: *Paz e amor* e o filme esquecido de Lima Barreto 125

Uma nova interpretação para o declínio dos cantantes 137

A investida da MF&F contra os exibidores ambulantes 151

Fomentando e disputando o mercado cinematográfico no Norte e Nordeste 162

Consequências do crescimento dos filmes e do mercado 171

Fusões e agentes 182

Mudanças radicais à vista 190

### **CAPÍTULO 3**

#### **A hegemonia da CCB: 1912-1914**

- A formação do truste 205
- A resistência de Staffa e Stamile 217
- O advento do “filme extra” 236
- Disputas, exclusividades e especulações segundo Marc Ferrez 249
- O caso Blum & Sestini e as dissidências internas na CCB 263
- Concorrência, filmes de atualidade e a ida ao cinema às vésperas da guerra 278

### **CAPÍTULO IV**

#### **A crise do mercado: 1914-1915**

- O acirramento da crise 293
- O Kinetophone de Edison no Brasil 300
- A guerra complica o que já era difícil 310
- O fim do truste 329
- Entre divas e seriados 342

#### **Epílogo 357**

#### **Fotografias, charges e documentos 385**

#### **Lista de abreviações 417**

#### **Referências bibliográficas 419**

#### **Agradecimentos 437**

## Prefácio

Os historiadores do cinema – a arte do espetáculo mais influente do século 20 – tradicionalmente têm se focado no espetacular. Inicialmente, eles concentravam sua atenção na imagem em movimento como objeto estético, tentando dotá-la da legitimidade gozada pelas artes já consagradas. Nas últimas décadas, um interesse crescente na exibição – a programação, os modos de apresentação dos filmes, as práticas sociais que se desenvolvem nas salas – tem aberto novos horizontes para os pesquisadores. Porém, poucos trataram a infraestrutura quase invisível que sustenta o negócio inteiro, o elo essencial entre a produção e o consumo do cinema: a distribuição. Os arranjos financeiros, o transporte e a logística talvez não possuam o glamour dos estúdios, astros e estrelas célebres, mas, em muitos casos, seu impacto na trajetória do cinema foi bem maior.

Através de um mergulho profundo no precioso acervo da família Ferrez – pioneira na importação, distribuição e exibição de filmes no Brasil – e de uma busca minuciosa nos jornais e revistas da época, Rafael de Luna Freire avança a passos largos em nosso conhecimento desse aspecto pouco pesquisado do cinema. Ele propõe várias hipóteses altamente originais sobre os primórdios do cinema no país e corrige certas conclusões dos trabalhos valiosos, mas às vezes imprecisos, de pesquisadores anteriores. Se os historiadores têm começado a reconhecer o papel-chave dos Ferrez na consolidação de salas fixas no país através do abastecimento regular de filmes Pathé, Rafael de Luna Freire aprofunda essa observação de várias formas. Esclarece, por exemplo, que o auge da produção local de filmes no Rio, entre 1908 e 1910, não foi somente o resultado da concorrência entre as salas de cinema, senão da uniformidade da programação dos cinemas nobres fornecidos pelos Ferrez. Ele oferece uma nova análise

do surgimento e da decadência dos “filmes falados e cantantes” (apresentados com artistas que declamavam e cantavam atrás da tela) e de outros fenômenos da época que são amplamente conhecidos, mas ainda mal compreendidos. Além de explorar a relação muitas vezes tensa entre os Ferrez e a notória Companhia Cinematográfica Brasileira (CCB), de Francisco Serrador, que adquiriu a empresa deles em 1912, *O negócio do filme* resgata os nomes de firmas hoje esquecidas que ajudaram a dar forma ao negócio cinematográfico no país, tais como a Empresa Cinematográfica Internacional e a Jatahy-Cinema (distribuidores independentes que surgiram muito cedo) e a Companhia Internacional Cinematográfica, uma concorrente da CCB fundada por Angelino Stamile.

Embora o autor se concentre no meio cinematográfico da então capital federal Rio de Janeiro e da metrópole crescente de São Paulo – como é lógico, dada a disponibilidade de documentação e a importância fundamental das grandes cidades do Sudeste como pontos de entrada de filmes ao país –, consegue de uma maneira brilhante integrar histórias regionais que normalmente são tratadas separadamente. Ele narra, por exemplo, os esforços dos Ferrez para recrutar agentes no Norte, Nordeste e Sul do país e estimular a instalação de novas salas fixas que se tornariam seus clientes. Além de desenvolver uma perspectiva ao mesmo tempo local, regional e nacional, *O negócio do filme* oferece comparações e contrastes altamente instrutivos entre o caso brasileiro e outros países. Rafael de Luna Freire destaca as particularidades do sistema brasileiro, no qual os distribuidores tipicamente possuíam o direito exclusivo ou quase exclusivo de representar uma ou várias produtoras no mercado, ao menos antes do surgimento do “filme extra” ou longa-metragem que transformaria radicalmente o sistema de distribuição no país. Ele observa, para tomar outro exemplo, o desenvolvimento de um sistema de zoneamento que favorecia um número reduzido de salas lançadoras na exibição de novidades, bem antes que em países como a França e os Estados Unidos. Desse modo, o livro enriquece nosso conhecimento da institucionalização do cinema no âmbito mundial.

A análise de Rafael de Luna Freire põe em destaque tanto fatores determinantes na trajetória da distribuição de filmes no Brasil – desde o tipo de câmbio e as taxas de alfândega até a eclosão da Primeira Guerra Mundial – como detalhes aparentemente banais, mas que resultam reveladores, dos contratos, das folhas de pagamento e das despesas de transporte. Registros dos salários demonstram que as mulheres, frequentemente contratadas como revisoras de filmes, receberam a remuneração mais baixa de todos os empregados,

e testemunhas atestam a exclusão da maioria dos músicos negros das orquestras dos cinemas, assim realçando as dinâmicas de raça, gênero e classe social em jogo no flamante meio cinematográfico. O autor nos lembra que, atrás das disputas às vezes amargas entre os empresários cinematográficos que se desenvolveram na imprensa e nos tribunais, há claras distinções de classe, sobretudo entre os aristocráticos Ferrez e os outros imigrantes de origem mais humilde ativos no meio cinematográfico. O estudo jamais perde de vista que o negócio cinematográfico no Brasil tomou forma dentro de um contexto social complexo – a Primeira República – e em plena transformação. No momento atual de crise para a produção, distribuição e exibição cinematográficas, este precioso estudo lança nova luz sobre outro momento de grandes mudanças no mundo do cinema, elaborando uma crônica das oportunidades, fracassos e sucessos vividos por figuras inesquecíveis como os Ferrez.

Rielle Navitski

*Professora associada do departamento de estudos em teatro e cinema  
da Universidade da Geórgia*